

Desafios da globalização à vivência e à transmissão da fé

Joel Portella Amado

(I)

Introdução: um fenômeno próximo no tempo e no espaço.

O maior desafio para se refletir sobre a globalização está ligado ao fato de ela ser uma realidade muito próxima a nós no tempo e no espaço. Não estamos lidando com fatos passados, fatos que nos suscitam o desafio de compreender, sem, todavia, a possibilidade de incidência sobre ele, para dinamizá-lo, alterar seus rumos ou sedimentar valores. O que chamamos de globalização, ao contrário, é um fenômeno que estamos vivenciando, que afeta a todos nós, independentemente de raça, credo ou estilo de vida.

Esta proximidade com o fenômeno traz em si vantagens e desvantagens. Quanto às desvantagens, a maior de todas diz respeito à dinamicidade do próprio fenômeno, que vai se transformando a cada dia, ora a passos largos ora a passos mais lentos. Além disto, acrescenta-se ainda a conseqüente dificuldade para se obter uma visão de conjunto, fazendo com que todas as análises sejam parciais, incompletas e necessitem ser confrontadas com outras. Finalmente, por se tratar de uma realidade na qual estamos inseridos e com a qual estamos interagindo, sua análise não nos exige de um envolvimento existencial. Ao falarmos da globalização, de um certo modo, estamos falando de nós mesmos, de nossas vidas, de nossos projetos, de nossas opções. E, neste caso, o risco de uma análise marcada pela emoção, pela paixão originada das experiências pessoais é igualmente grande.

Estas dificuldades, entretanto, não nos podem eximir do desafio de analisar, isto é, de tentar compreender o que está acontecendo com o mundo no qual estamos inseridos. A compreensão - isto é, o exercício da racionalidade - é inerente ao ser humano e recusá-la é abrir mão de uma parte essencial do nosso ser. Além disto, quando alargamos nossos horizontes e tomamos a fé como critério para a atuação, percebemos que o Evangelho, em virtude do princípio da Encarnação, convoca a incessantemente nos esforçarmos por compreender a realidade que nos cerca. Daí, o desafio de se compreender a globalização. Daí a farta literatura disponível. Daí as diversas posturas e leituras do fenômeno.

Meu ponto de vista

Para refletir sobre a globalização, é preciso escolher um enfoque. Por coerência com o que mencionei no início desta exposição, não posso pretender abraçar todos os prismas, até porque nenhum ser humano, hoje em dia, tem a possibilidade de conhecer todas as coisas, de estar familiarizado com todas as ciências. Opto, portanto, por falar da globalização a partir da teologia. Faço isto conduzido por dois motivos. O primeiro está ligado à proposta que me foi apresentada pela organização do Congresso, isto é, refletir sobre globalização e Fé. O segundo motivo está ligado à minha experiência pessoal e pastoral. Não sou sociólogo, economista ou historiador. Procuro estudar um pouco de teologia, dedicando-me atualmente a pensar a especificidade do Deus

da Revelação em face aos diversos contextos sócio-culturais que se fazem presentes no mundo de hoje, em especial, os contextos urbanos agudos.

Com isto, acredito que os pressupostos desta reflexão já estejam apresentados. Penso em refletir teologicamente a respeito deste momento da história humana, a que chamamos de globalização. Por certo, terei de levar em consideração aspectos sociológicos, econômicos e políticos, aos quais deverei me referir. Tentarei, entretanto, fixar-me na dimensão teológica para levantar questionamentos pastorais. Para fazê-lo, vou utilizar-me de um recurso pedagógico bastante conhecido. Vou expor as idéias com acentos muito fortes, enfatizando de modo agudo determinados aspectos, podendo, com isso, causar a impressão de que a realidade é tão clara, tão explícita como as observações e conclusões que pretendo apresentar.

(II)

O que é a globalização? Dificuldade terminológica e metáforas:

São muitas as teorias destinadas a explicar a globalização, em sua gênese, em suas relações e em suas conseqüências. Todas buscam entender as configurações, os ritmos e os desafios desta sociedade atual. Por ser um fenômeno muito próximo no tempo e com altos índices de mutação, a globalização costuma se apresentada através de metáforas e oscilação na terminologia¹. As metáforas mais conhecidas são aldeia global, fábrica global, nave espacial, nova babel, terceira onda, shopping center global, cidade global, disneylândia global, mundo sem fronteiras, fim da geografia, fim da história. Muitos outros exemplos poderiam ser aqui referidos. A bibliografia a respeito é vasta e de fácil acesso². Os termos mais utilizados, além do próprio globalização, são mundialização ou planetarização. No caso das metáforas, o uso é mais amplo. No caso da terminologia, a tendência tem sido a de consagrar o termo globalização, como, ao que tudo indica, já aconteceu. Em cada metáfora e em cada termo utilizados, percebe-se o surgimento de algumas características do fenômeno, de modo que, indutivamente, vai-se construindo a compreensão do fenômeno e a evidente interação com ele.

Para além dos detalhes, o que importa aqui destacar é exatamente o fato de se tentar descrever o fenômeno através de reforços terminológicos, metáforas, figuras, comparações e similares. Sabemos que estes recursos surgem quando as categorias utilizadas para compreender, explicar e interagir com a realidade tornam-se insuficientes para cumprir sua missão. E este é um fato importante a destacar: estamos diante de um novo momento da história da humanidade, caracterizado não apenas por um novo desenho do mapa mundial, mas também por novas relações, as quais atingem todos os âmbitos da vida humana, numa intrincada articulação, de modo que já não se pode mais pensar este ou aquele aspecto isoladamente, sem que, ainda que de modo tênue, se articule com o todo que está acontecendo com o mundo. Os autores indicam que, de tal modo a vida se mundializou, que o globo terrestre deixou de ser apenas uma realidade de interesse da astronomia para adquirir uma significação plenamente histórico-social³. O exemplo mais significativo é sem dúvida o que diz respeito às possibilidades de comunicação e informação abertas pela informática. Hoje, a deixar que este processo aconteça, sem o impedimento por estados ou ideologias, todos são capazes de saber tudo a respeito de todos.

¹ DREIFUSS, R. A., *A época da perplexidades. Mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*, Petrópolis: Vozes, 1996, 136ss

² cf. ORTIZ, R., *Mundialização e Cultura*, São Paulo: Brasiliense, 1994, 14

³ IANNI, O., *Teorias da Globalização*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, 14

O fato é que nosso planeta vivencia um novo jeito de ser, construído a partir de acelerados processos ainda em desenvolvimento. São processos que afetam as principais dimensões da vida de pessoas e povos, pois implicam recomposição econômica, política, social e cultural. Trata-se de uma profunda e abrangente reestruturação produtiva, articulada com um processo de reestruturação societária e reconfiguração ético-cultural. Um processo alicerçado amplamente na informática e que possibilita, a cada dia mais, o contato com novidades materiais e de métodos.

(III)

Um novo momento do capitalismo.

Na tentativa de estabelecer referências objetivas e profundas para a compreensão deste fenômeno, os estudiosos não hesitam em afirmar que estamos diante de uma transformação ocorrida no capitalismo, o qual ingressou num processo de ultrapassagem de todas as fronteiras: geográficas, nacionais, étnicas e ideológicas, envolvendo de algum modo todas as demais formas de organização humana, com destaque para os aspectos sociais, políticos e culturais⁴. Se, por um lado, existe na essência do capitalismo uma certa tendência à expansão *além mares*, por outro, o que até o período anterior à globalização se viu foi um certo nível de respeito aos já mencionados diversos níveis de fronteiras. Na globalização, o capital vai dissolvendo todos os tipos de fronteiras, desde que o mercado possa ser agilizado e o consumo ampliado infinitamente.

A conseqüência mais imediatamente visível diz respeito ao âmbito econômico. Percebemos o surgimento do que se poderia chamar de economia global, globalizada ou planetária, para quem as economias nacionais, sejam elas quais forem, acabam sendo transformadas numa espécie de parcela desta economia global. Todos nós teremos, certamente, exemplos a narrar. São exemplos tirados de nossas experiências pastorais e que relatam a impotência das economias locais em se manter por longo tempo sem que se insiram nos processos globais. Estes vêm estabelecendo uma espécie de teto para as economias locais, que, dependendo de seus graus de autonomia e solidez, podem empurrá-lo um pouco mais para cima. Evitá-lo ou mesmo ultrapassá-lo ainda não fomos capazes de constatar historicamente quem efetivamente tenha feito isto em nível de incidência estrutural.

As demais transformações

Interagindo com este processo, podemos perceber a paralela transformação dos principais conceitos que possibilitam o sentido da existência pessoal e social. Por exemplo, o conceito de *espaço* assume uma nova configuração, tornando-se mundializado, planetarizado. Semelhantes alterações ocorrem com o *tempo*, que se torna mais agilizado, acelerado. De fato, podemos afirmar que existe uma relação diretamente proporcional entre as acelerações dos ritmos do tempo e a inserção nos processos da economia planetarizada. Na globalização, o tempo não pára. Basta recordar a ruptura dos limites tradicionais e geofísicos entre noite e dia. O importante é estar inserido na rede, comunicando-se, fazendo negócios. Se agora, por exemplo, é dia no Rio de Janeiro, será noite em Tóquio. Esta distinção cronológica, entretanto, não se impõe à imperiosa necessidade de negociar.

Ora, quando estamos diante de novas configurações de conceitos tão essenciais como, por exemplo, tempo e espaço, ou, pelo menos, quando os conteúdos usuais já não satisfazem plenamente, não há como evitar assumir que estamos diante de um novo momento histórico, social e cultural. E o atual momento, que tanto nos desafia, apresenta uma característica que muito chama

⁴ Idem, 17

a atenção e que diz respeito à hegemonização do mercado e à redução da importância dos demais setores da vida pessoal e social. Há até mesmo quem considere submissão.

Não se trata, portanto, de universalização apenas de informações, mas também e acima de tudo, globalização de um certo modo de ser, o modo do mercado. Estamos diante da informatização e da mercantilização das formas sociais em geral, processo que ultrapassa todas as fronteiras que até então eram consideradas referência, sejam elas físicas, políticas, sociais ou culturais. Embora seja um processo ainda em curso - o que dificulta o grau de objetividade na abordagem - já é possível indicar algumas de suas principais características.

Exacerba-se o primado do *econômico* sobre os demais setores da vida humana e social, fazendo com que o conjunto da vida tenda a se organizar com base no máximo aproveitamento da razão instrumental e da técnica, assumida a partir dos princípios da produtividade, da lucratividade e da quantidade⁵. Percebe-se um certo enfraquecimento do poder *político* enquanto tal, ficando, não poucas vezes, nas mãos do poder econômico, perdendo muito de sua capacidade de influência. Percebe-se que o Estado-Nação, típico de etapas históricas anteriores, não só é redefinido, mas perde algumas das suas prerrogativas econômicas, políticas, culturais e sociais, tendo enfraquecido seu poder de governo⁶. Além disto, o próprio exercício do poder de governo, na medida em que predomina a fundamentação econômico-tecnológica, tende a esvaecer todos os controles que não venham especificamente do econômico e do tecnológico, rejeitando um controle político com efetivas metas sociais e éticas mais específicas⁷.

Sob o ponto de vista *cultural*, a planetarização física articula-se com uma certa globalização cultural, pois tudo aquilo que compõe as referências culturais tende a se planetarizar, a se desterritorializar e, por conseguinte, também a se desenraizar. Se, por um lado, pessoas e grupos, encontram a possibilidade de intenso acesso às informações, por outro, não só enfrentam dificuldades quanto aos critérios de avaliação e discernimento dos fatos, como também são continuamente bombardeados por interpretações distantes e díspares, em geral a serviço da ordem econômica e técnica ligada à produção e sustentada por eficiente trabalho da mídia. Ocorre uma certa diminuição das referências vindas do real em favor das que se originam no virtual. Desta forma, acentua-se, nos contextos globalizados, a problemática da indústria cultural, com a expansão dos meios de comunicação de massa e a produção de uma cultura de tipo internacional-popular⁸.

Ao mesmo tempo, podemos constatar que tais processos globalizados articulam-se com a quebra das estruturas de referência, como também acabam por prejudicar o surgimento de outras suficientemente codificadas, sedimentadas. Isto ocorre porque se cria uma forte dificuldade para o reconhecimento de conceitos universais aptos a expressar e articular modos de ser e pensar⁹. Surgem,

⁵ Acerca da pressão do econômico sobre as demais instâncias, em especial a social, cf.: **FORRESTIER, V.** - *O horror econômico*, São Paulo: UNESP, 1997

⁶ cf.: **HIRST, P. & THOMPSON, G.** - *Globalização em questão. A economia internacional e as possibilidades de governabilidade*, Petrópolis: Vozes, 1998, 263ss, onde os autores, após apresentarem um breve histórico da formação dos Estados Nacionais, apontam características da globalização e seus efeitos na capacidade de governo dos Estados-Nação. Ainda: **CASTEL, Robert** - *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*, Petrópolis, Vozes, 1998, 281s

⁷ cf.: **SASSEN, S** - *As cidades na economia mundial*, São Paulo: Studio Nobel, 1998, 23-66

⁸ cf.: **ORTIZ, R.** - *A moderna tradição brasileira (Cultura brasileira e Indústria Cultural)*, São Paulo: Brasiliense, 1988; **MATTELARD, A.** - *As Multinacionais a Cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976; **IDEM** - *L'Internationale Publicitaire*, Paris: La Découverte, 1989

⁹ **MARDONES, J. M.** - *Postmodernidad y cristianismo. El desafío Del fragmento*, Santander: Sal Terrae, 1988, 59-64

então, as diversas referências particulares, as quais, por sua vez, passam a ser consideradas universais. Como uma tentativa de reação, os nacionalismos e as nacionalidades, as ideologias e as utopias, as etnias e as marcas histórico-raciais, tais como religiões, idiomas e dialetos, tendem a ressurgir violenta e antagonicamente, gerando, por um lado, posturas de tendência fundamentalista da parte de quem as defende, e, por outro, assumidas de maneira folclórica pelos ambientes globalizados, isto é, tornam-se objetos de consumo, sem poder de interpelação. Em tais contextos, as identidades regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar. Pessoas e povos continuam a apresentar suas singularidades ou particularidades, frutos da história vivida e que está visivelmente impregnada também nas estruturas físicas. Entretanto, o grau de autonomia em todas as relações básicas da vida humana já não lhes pertence tanto. O que começa a predominar, a apresentar-se como uma determinação básica, constitutiva, é a cultura global em que a racionalidade econômica se generaliza, fundamentando ações, relacionamentos e estruturas.

Com isto, emerge um horizonte cultural não só diversificado, plural, mas também em constante e rápido movimento, com possibilidades até mesmo opostas entre si e sem a preocupação da busca pela unidade. Assim, numa única ocupação de espaço, podem ocorrer diversas situações culturais¹⁰. De um lado, aparece uma espécie de caldo cultural profundamente ligado ao consumo dos bens. De outro, encontram-se as diversas formas com que se vai reagindo a este caldo cultural, seja acolhendo-o com passividade, seja a ele reagindo e afirmando comportamentos outros. Este processo traz em si uma forte dose de ambigüidade. Por um lado, não há dúvida de que, permitindo a liberação de horizontes referenciais, quer sociais, quer mentais, abre novos e distintos ângulos para a explicação da realidade. Por outro, todavia, tende a deixar indivíduos e grupos em constante processo de mutação e em aguda busca por referências, o que termina por tornar atrativamente aceitáveis referências mais imediatas e palpáveis.

Nesta perspectiva, está construído o campo sobre o qual o individualismo emerge como critério de compreensão da totalidade, que passa a ser assumida e enfrentada predominantemente a partir da consciência individual que se desprende de suas referências objetivas básicas. Desta forma, diante de tamanha e transformante diversidade, indivíduos e grupos, porque não podem viver sem uma referência aglutinante, encontram-na no *EU*, individual ou grupal, que passa a ser o critério praticamente definitivo para as posturas existenciais¹¹.

(IV)

Desafios teológico-pastorais

A globalização traz inúmeros desafios, cuja quantidade é diretamente proporcional à amplitude do fenômeno. A tais desafios não se pode eximir a teologia, enquanto trata da salvação, da realização mais profunda de todo ser humano. Por força do próprio Evangelho, no qual se encontra como elemento irrenunciável a dinâmica da Encarnação, tudo aquilo que diz respeito ao ser humano, em suas peripécias históricas, deve ser assumido pela Teologia. E ela deve fazê-lo a partir de seu ponto central, a partir de sua identidade. Como ciência que se dedica a refletir sobre a salvação, a Teologia é chamada a considerar em que sentido a realidade histórica que convencionamos chamar de globalização se insere no processo salvífico revelado e que palavra este mesmo processo salvífico tem a dizer para a globalização. É claro que a Teologia não se exime de dizer uma palavra, por exemplo, sobre a vida, em

¹⁰ cf.: GIDDENS, A. - *As consequências da modernidade...*, 122ss

¹¹ cf.: LIPOVETSKY, G. - *La era del vacío. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*, Barcelona: Anagrama, 1986, 105ss; VELHO, G. - *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 3ª ed, 1994, 13-54

especial quando a vida é ameaçada. Afinal, se o núcleo do Evangelho é a Ressurreição, então é porque a morte não possui a última palavra sobre pessoas e povos. A última palavra é sempre da vida.

Entretanto, a palavra teológica se torna ainda mais uma palavra de vida quando assume com a história humana uma relação bem específica, qual seja, a de interpelação. Entre as riquezas da mensagem cristã está a de saber articular encarnação e escatologia, mergulho na história humana e interpelação desta mesma história. A Escritura encontra-se repleta de citações que poderiam ilustrar bem este aspecto. São, todavia, desnecessárias, não só porque as conhecemos bastante, mas também porque esta fecunda articulação entre o ingressar na história e o distanciar-se dela faz parte não deste ou daquele setor da mensagem cristã, mas exatamente de todo o cristianismo. Se, por um lado, o Evangelho, para se transmitir, assume as culturas, por outro, ele não se pode identificar completamente com cultura alguma. Deve, ao contrário, distanciar-se criticamente de todas as culturas, identificando o que nelas existe de salvífico e o que é contrário à Revelação, pois o anúncio do Evangelho traz em si uma irrenunciável atitude interpeladora, sem a qual perde sua identidade.

Esta articulação entre o encarnatório e o escatológico pedem da Igreja um constante serviço interpelador e este serviço se faz através de uma atitude de contrabalanço, onde, para não deixar que a história se fossilize em determinados momentos e situações, a atitude oposta deve ser assumida com todo vigor pela ação pastoral. Ora, na medida em que o atual momento da história da humanidade carrega em si uma tendência estrutural a tudo açambarcar, envolvendo as mais diversas instâncias e realidades em um único projeto, que é o projeto do mercado, parece de sadia orientação voltarmos-nos um pouco mais para a dimensão escatológica da mensagem cristã, enquanto força interpelativa de todas as propostas históricas que tendam a se esgotar em si mesmas. Neste sentido, é função da atividade evangelizadora não deixar esmorecer algumas perguntas, que devem ser incessantemente repetidas. Por exemplo:

- ?? Não será um efetivo risco deixar que se atribua sem mais à mentalidade globalizada a característica de única mentalidade existente?
- ?? Podem a Teologia e a Pastoral deixar de interpelar um jeito de pensar e existir em que tudo passa a valer como mercadoria, como objeto de consumo?
- ?? É possível ao anúncio do Evangelho aceitar que até mesmo Deus se torne uma espécie de mercadoria a ser consumida de acordo com as necessidades do momento?
- ?? Não há uma palavra a dizer sobre o que se está constatando em diversas partes do mundo, principalmente nas mais urbanizadas, com o surgimento, no âmbito religioso, das auto-produzidas “agências de cura divina”, onde a eficácia do encontro com Deus não se mede por outra coisa que não a inserção exatamente nos mecanismos de consumo?

O fato é que o atual momento de globalização da economia e das demais instâncias da vida pede uma atitude escatológico-interpelativa por parte da teologia e da pastoral. É claro que não se trata de rejeitar a dimensão encarnatória. Pelo contrário, a verdadeira interpelação é aquela que acontece a partir dos fundamentos últimos e estes só são atingidos através de uma efetiva encarnação. Por isso, é necessário mergulhar no mundo globalizado, para compreendê-lo, para com ele interagir, discernindo os valores do Reino de Deus, como afirmado antes. E aqui emerge com grande significatividade o pensamento do Papa João Paulo II, manifestado aos membros da Pontifícia Academia de Ciências Sociais, em abril de 2001. Os que conhecem o texto recordam o que o Santo Padre disse:

“A globalização, a priori, não nem boa nem má. Ela será o que as pessoas fizerem dela. Nenhum sistema é uma finalidade em si mesmo e é necessário insistir que a globalização, como qualquer outro sistema, deve estar a serviço da pessoa humana; deve servir à solidariedade e ao bem comum.”

Esta é a razão teológica pela qual o Santo Padre, não apenas no discurso aos membros da Pontifícia Academia de Ciências Sociais, mas também em outras ocasiões, tem insistido tanto na irrenunciabilidade da pessoa humana como critério a julgar qualquer sociedade, qualquer cultura. Este colocar-se a serviço da pessoa humana exige da Teologia e da pastoral algumas atitudes bastante concretas. À primeira vista, podem parecer distantes ou até mesmo idílicas. Entretanto, o contato com o Evangelho, por um lado, e o contato com a realidade globalizada e suas conseqüências, por outro, mostram que estamos tratando de algo vital para todo ser humano, cristão ou não.

De fato, o mundo tem vivido um intenso momento de imanentização das utopias. Dito de modo muito simples, não creio que estejamos vivendo um tempo de ausência das utopias. Pelo contrário, acredito que as utopias estejam bem vivas no meio das pessoas, das sociedades e das culturas marcadas pela globalização. O que tem ocorrido no mundo pode ser caracterizado como uma alteração nos conteúdos das utopias, que deixaram de ser transistóricas, para se imanentizarem cada vez mais. Se, antes, pensava-se em vida eterna, salvação da alma ou alguma outra utopia não religiosa, mas voltada para o futuro, atualmente, nos ambientes marcados pela globalização, o que importa é a vida do aqui, com um forte acento para o corporal, o material. Esta imanentização das metas existenciais tem atingido até mesmo a pregação religiosa. Daí a importância de uma atitude teológica e pastoral de reafirmação da transcendência.

É claro que tal afirmação não significa, ao estilo de uma reação pendular, estabelecer uma teologia e uma pastoral que ignorem as dinâmicas e peripécias humanas em torno da globalização. Recordo a importância do compromisso encarnatório. Recordo a importância de se assumir a história humana em suas mazelas e valores. Trata-se – repito – de se dizer à história que ela não tem a última palavra. Este princípio é claro e urgente. Importa discernir como concretizá-lo e, para tanto, alguns aspectos têm sido bastante acentuados.

(V)

Desafios pastorais

a) Separar os aspectos:

O primeiro destes aspectos está relacionado com o fato da globalização, enquanto estruturação econômica, política, social e cultural, tender a querer plasmar toda a realidade, como se o estilo globalizado fosse o único jeito de se viver. Se, por um lado, existe uma parcela da globalização que é inevitável, por outro, nem tudo que a globalização apresenta pode ser aceito sem mais¹². Inevitável, por exemplo, é o rumo da tecnologia e irrecusáveis são as conquistas da informática. Questionável, contudo, é o fato de que este progresso tecnológico venha sendo utilizado a partir predominantemente da ótica do mercado, cujo preço humano e social tem sido muito grande. É por isso que o primeiro papel da reflexão teológica e da prática pastoral consiste em separar os diversos aspectos da globalização, os quais, no dia-a-dia, aparecem juntos. Uma coisa é a globalização técnica; outra é a globalização ética. Se o mundo hoje, repetindo a metáfora de McLuhan, é uma aldeia global, no sentido de que todos possuem a chance tecnológica de se comunicarem, nem por isso a visão de mundo que vem envolvendo esta etapa da tecnologia pode ser tranqüilamente aceita. Entre a técnica e a ética sabemos que existe uma significativa distância e é esta distância que cumpre destacar.

O Evangelho não nos impulsiona à rejeição da técnica simplesmente por ser técnica. Em nome da salvação trazida por Jesus Cristo, não podemos pregar uma atitude de fuga da história, com propostas desencarnatórias, descomprometidas ou desvinculadas do restante da vida humana. A salvação cristã não é alcançada através de guetos, enquanto experiências distantes da história. O que o

¹² cf.: AGOSTINI, N. – *Ética cristã e desafios atuais*, Petrópolis: Vozes, 2002, 244s.

Evangelho manda fazer é o discernimento quanto ao uso da técnica. O Evangelho, portanto, insere-se numa dimensão muito mais ética, perguntando-nos e nos fazendo perguntar: a serviço de quem todos os progressos tecnológicos se encontram?

Quando identificamos sem mais estes dois aspectos da globalização, técnica e ética, corremos o forte risco de atribuir a ela um excessivo grau de inexorabilidade, de definitividade e, por conseguinte, de redução escatológica. Mesmo que os discursos não explicitem deste modo, estaremos diante de uma sacralização, ainda que tácita, de um período da história. Por certo, esta tendência à sacralização do presente não é privilégio do atual momento globalizado. Entretanto, como é nele que estamos vivendo, é para ele que nossas atenções se devem dirigir.

b) Afirmar a gratuidade:

Em segundo lugar, recordemos que a globalização, enquanto processo amplo, traz em si uma certa visão de mundo, que poderemos chamar de *mentalidade da causa-e-efeito*, para a qual o conjunto das relações existentes na totalidade da vida passa a ser visto como retribuição na mesma moeda. Os exemplos desta mentalidade são vários, mas alguns podem ser destacados porque nos chegam todos os dias. São as multidões de excluídos largadas exatamente porque não estão inseridas nos processos de produtividade, isto é, não apresentam a causa (= não participam do mercado) e, por conseqüência, não podem usufruir de seus benefícios (= os benefícios sociais)¹³.

Outro exemplo bem prático desta mentalidade de causa-e-efeito se manifesta na postura vindicativa presente em diversos níveis, muitas vezes revestida sob o nome de justiça, quando, na verdade, o que se deseja é punição e vingança. E não me refiro apenas à *síndrome 11 de setembro*, mas a um tipo de discurso encontrado com certa facilidade no cotidiano e que tacitamente defende os grupos de extermínio das periferias das grandes cidades, que defende abertamente a pena de morte sem questionar a possibilidade de um sistema penitenciário reintegrador, como indica o Evangelho ao separar o pecado do pecador e propugnar a chance de conversão a este último.

Ora, não se interpela uma realidade se não se testemunha a efetividade dos critérios opostos e o oposto à mentalidade da causa-e-efeito, em termos de Evangelho é, sem dúvida alguma a gratuidade. Tamanha é a sua importância que se pode até mesmo afirmar que a identidade do Evangelho passa pela atitude gratuita. É a gratuidade que dá significado à criação, e à encarnação. É pela gratuidade que compreendemos toda a vida de Jesus com seus gestos, curando e acolhendo os excluídos pela mentalidade legalista de causa-e-efeito. É pela gratuidade que compreendemos também as palavras de Jesus, recomendando, por exemplo, dar de graça o que de graça foi recebido (Mt 10,8), ou então amar os inimigos e abençoar os perseguidores (Mt 6,38-47). O que dizer da parábola dos trabalhadores da vinha, em cuja conclusão Jesus indica que os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos (Mt, 20,1-11)?

Infelizmente, não são poucas as vezes em que, ao mencionar o critério da *gratuidade*, encontramos a acusação de sermos idílicos, irrealistas, sonhadores. O que incomoda, nestes casos, é exatamente a dissonância entre este princípio radical do Evangelho e a mentalidade globalizada. O problema parece não ser mais o de uma reação combativa, mas de uma indiferença que brota da incapacidade de se encontrar pontos tangenciais para o diálogo entre a eficácia técnico-

¹³ cf.: WACQUANT, L. – *Les prisons de la misère*, Paris: Raisons d'Agir, 1999, obra na qual se analisa a vilência urbana na Europa e nos Estados Unidos, chamando a atenção para as propostas predominantemente policiais e penitenciárias, em detrimento de uma perspectiva mais social.; IDEM, *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2001, 99-112

mercadológica e a gratuidade evangélica. Vivemos um pouco do que São Paulo encontrou em Atenas ao pregar sobre a Ressurreição (At. 17,32). Tamanha a distância entre os critérios de leitura da realidade que a reação não é sequer a de questionar, mas tão somente a de não considerar seriamente o que está sendo apresentado.

É claro que estou, como disse no início desta exposição, utilizando-me de um recurso pedagógico que reduz matizes e acentua centralidades, pois a insatisfação em face dos critérios utilitaristas está presente em diversos setores da vida humana globalizada. Muitos têm sido os esforços e as iniciativas na busca de um estilo diferente de pensar, agir e viver. O importante, porém, é acentuar a necessidade de, através da ação evangelizadora, se explicitar ainda mais este processo. Ora, o único jeito de se falar a um areópago descrente, seja de ontem, seja de hoje, seja de qualquer tempo ou lugar, é o do testemunho. Sabemos que testemunhar significa realizar experiências concretas que demonstrem a possibilidade, a concretude do que se está querendo transmitir. E, se queremos anunciar a gratuidade, somos convocados a testemunhar atitudes claras de gratuidade, demonstrando que a gratuidade é possível ser vivida. E, aí, as experiências são muitas e os senhores as conhecem muito melhor do que eu.

Importa destacar que a vivência e a transmissão da fé num mundo globalizado passa, entre outros aspectos, pelo testemunho de vidas construídas a partir da gratuidade, onde os critérios do lucro, do enriquecimento, do aumento patrimonial ficam subordinados à primazia da convivência e da fraternidade. Recordo algumas que se têm destacado não apenas ao longo da história da humanidade e da Igreja, mas nos últimos tempos e que, sem medo de exagerar, eu as leio como sinais do Espírito em meio a uma realidade complexa. Refiro-me, por exemplo, ao voluntariado, com todas as suas vertentes, cujos silenciosos esforços têm feito bem a tanta e tanta gente e ao qual nossa Igreja tão bem sabe motivar. O voluntariado é uma excelente escola de gratuidade. Neste trabalho voluntário, destaco, como um outro exemplo, aqueles que especificamente cuidam das pessoas e situações de aguda exclusão, dando-lhes trato humano, pessoal. Reitero a validade do trabalho com as massas sobrantes que já não se fazem presentes apenas nas cidades e suas periferias, mas que circulam pela grande cidade na qual o mundo inteiro se vai tornando, como, por exemplo, há alguns meses, a prefeitura municipal de São Paulo indicava ter-se deparado com a inusitada problemática de moradores de rua oriundos de outros países da América do Sul.

É claro que não se vai transformar um processo histórico tão intenso de uma hora para outra, ainda mais com pequenas experiências localizadas. No entanto, diante da não clareza quanto a outros rumos, é na afirmação testemunhal de critérios distintos aos predominantes que se mantém a história aberta para o futuro.

c) Deus do mercado?

Por fim, cumpre recordar que o fenômeno da globalização, na medida em que atinge todos os setores da vida pessoal e social, não deixa de fora o aspecto religioso. Ao contrário, assim como tende a tudo submeter e reciclar a partir de seus eixos de compreensão, o fenômeno globalizador faz o mesmo com a dimensão religiosa. E aqui está um dos grandes desafios atuais para a teologia e para a pastoral. Quando se fala em globalização, a tendência é sempre a de se destacar apenas os aspectos mais diretamente relacionados com a justiça social. Tal atitude não é errada. Ela é incompleta. Não é errada porque se volta para os aspectos mais diretamente relacionados com a predominância econômica e com as seqüelas sociais. É, todavia, incompleta porque corre o risco de não perceber que, a esparramação do mercado também acaba por se direcionar para as concepções de Deus e para as relações daí conseqüentes.

Ainda que, através de matizes variados, o que assistimos hoje é uma emergente concepção de Deus como solução imediata, rápida e mágica para os problemas da imanência. Em outras

palavras, aquilo que o mercado não fornece, espera-se que Deus forneça. E, para tanto, investe-se numa prática religiosa exatamente de causa-e-efeito. Se, por um lado, os mecanismos de troca com a divindade não são um privilégio de nossa época globalizada, por outro, a atual exacerbação e quase exclusividade deste critério é fato ao qual deve se direcionar nossa atenção, pois, transcendendo fronteiras confessionais, tudo tende a reciclar. Basta ter em conta que muitas das propostas religiosas de nosso mundo globalizado, caracterizam-se exatamente pela promessa de sucesso patrimonial e/ou afetivo. Ora, o que é isso se não a imanentização das utopias?

O interessante é perceber que esta imagem consumista de Deus não se restringe a esta ou àquela classe social. Assim como ela é transconfessional, ela também é transclassista. Neste último caso, as diferenças dizem respeito muito mais ao modo como se configuram ritos e estéticas do que conteúdos e normas comportamentais. Infelizmente, boa parte dos simpatizantes e frequentadores deste tipo de proposta religiosa, acabam sendo as massas empobrecidas pelos processos globalizadores. E é isso que torna a angústia ainda maior. Será que para as nossas massas empobrecidas resta apenas a submissão às esperanças milagristas, as quais, mantendo a primazia do mercado, ratificam a mentalidade da causa-e-efeito, retirando muitas vezes o que os mais pobres possuem para se viver? Lesar os pobres em nome de Deus? Lesar o nome de Deus em nome do mercado?